

AFFONSO ROMANO DE SANT' ANNA

**Entrevista
exclusiva para a editoria
da Revista Cerrados**

Apenas mencionar o nome de Affonso Romano de Sant' Anna, poeta, cronista e ensaísta, Presidente da Fundação Biblioteca Nacional de 1991 a 1996, professor participante da resistência intelectual da UFRJ e da PUC nos anos de chumbo da ditadura, autor de livros teóricos sempre instigantes e atuais, me dispensaria destes e de muitos comentários – visto que seu currículo de profissional e cidadão é histórico na literatura contemporânea brasileira e em nosso país –, mas me retiraria uma enorme satisfação. Por isso menciono, também, que Affonso Romano é membro atuante do Conselho Editorial da *Revista Cerrados*, desde que o periódico passou por reformulações conceituais e gráficas, em 2002.

Para compor a edição deste número dedicado à poesia contemporânea, pedimos a ARS que nos contasse um pouco sobre a importância da revista *Poesia Sempre*, criada por ele em sua gestão frente à Fundação Biblioteca Nacional, com o espírito de aglutinar e promover seus pares, o mesmo que o impulsionou em 1973 – e é importante aqui essa memória – a organizar, na PUC/RJ, a EXPOESIA, que reuniu 600 poetas desafiando a repressão política, dando espaço à poesia marginal. A revista *Poesia Sempre* divulgou nossa poesia no exterior e foi lançada em Nova York, na Dinamarca, em Paris, em São Francisco, para citar apenas alguns dos muitos locais onde foi com sucesso recebida, bem como nas principais capitais latino-americanas.

Cerrados – Como e por que surgiu a revista *Poesia Sempre*?

ARS – Como parte de um amplo projeto cultural. Não se tratava apenas de mais uma revista de poesia, mas de uma ação com múltiplos significados. Estávamos na direção da Fundação Biblioteca Nacional, desde 1991, desenvolvendo várias frentes de trabalho: criamos o Proler, o Sistema Nacional de Bibliotecas, iniciamos um programa de exportação da literatura brasileira com bolsas de traduções, publicações de revistas em espanhol e inglês, divulgando nossa cultura, enfim, uma série de coisas. Pensava já em reeditar a antiga *Revista do Livro*, do tempo do INL, que tinha ensaios, documentos. Mas ocorreu-me que a FBN poderia, também, dar uma contribuição na área específica da poesia.

Cerrados – Editando os poetas?

ARS – Mais do que isto. As revistas literárias, em geral, são produzidas por grupos de jovens escritores emergentes ou grupos partidários.

Sempre foram publicações provisórias, heróicas. Mas elas eram ligadas a grupos com ideologias próprias. Nos anos 50 e 60 a “Invenção” dos concretos só publicava o que achavam que era Pound-Mallarmé-Joyce. A “Praxis” tinha uma programática construtivista. A “Tendência”, em Minas, era de um grupo com idéias sobre cultura e nacionalismo. E assim por diante. Mesmo as revistas da Geração 45 e as diversas revistas modernistas eram rampas de lançamento de autores jovens, afinados com certos restritos quesitos estéticos e políticos.

Por isto mesmo pensei que era função de um órgão público fazer uma revista na área da poesia que fosse uma inovação, que pertencesse a todos, não a um grupo, e um modo de tirar os poetas da apatia e da dispersão em que vivem, pois são raríssimas as publicações no gênero e de circulação restrita. Pensei uma revista que fosse:

- um diálogo entre a tradição e a inovação
- uma “plaza mayor” de todos os poetas brasileiros
- um diálogo de nossa poesia com a poesia que se faz hoje no mundo
- que tivesse textos em português, mas em outras línguas, para que conhecessem o que fazemos e conhecêssemos o que fazem noutros países
- que tivesse seções inovadoras e não fosse uma mera coleção de poemas.

Cerrados – E como foi a reação dos poetas?

ARS – Foi de acolhida imediata. Os únicos que ficaram de banda e se negaram a participar naquele instante foram os concretos. Já tinha tido uma experiência negativa com eles quando organizei a “Expoesia”. Disseram que não

participavam de iniciativas “ eclético-aritativas”, ou seja, não entram em bola dividida, lhes interessa o discurso do “mesmo” e não do “outro”.
Cerrados – Por que, a partir do segundo número, houve uma evidente modificação gráfica e de conteúdo?

ARS – O primeiro número, de alguma maneira, foi experimental. Chamei o Antônio Carlos Secchin para ajudar na editoração. Fiz questão que meu nome não aparecesse, nem no expediente nem na introdução, nem nas colaborações. Sinalizava, assim, que não estava agindo em causa própria, mas abrindo espaço para outros, como sempre fiz.

Cerrados – A que está se referindo, exatamente?

ARS – Há pessoas que, por temperamento, trabalham excluindo, aceitando só os seus eleitos, os seus iguais. Há pessoas que trabalham pela inclusão, aproximando os heterogêneos, dando oportunidade a todos. Pertencço ao segundo tipo. Não é virtude, é meu temperamento. Em 1973, por exemplo, organizei a “Expoesia 1” (PUC-Rio), a “Expoesia 2” (Curitiba), a “Expoesia 3” (Nova Friburgo), reunindo cerca de mil poetas nas três exposições: a idéia era fazer falar a nova poesia brasileira, que começou a surgir com o nome de “poesia marginal”. Em 1962 (portanto, já anteriormente) fui um dos organizadores da “Semana de Poesia de Vanguarda” (Belo Horizonte), para mostrar os diversos grupos que trabalhavam na época (narro isto num livro recém-relançado: Música popular e moderna poesia brasileira). Sempre tive um impulso normal de trabalhar em grupo, carrear forças, reunir pessoas. Deve ser coisa de temperamento e de minha formação protestante voltada para a ação comunitária. É nesse sentido que, na ocasião do “Violão de Rua”, princípio dos anos 60, ao mesmo

tempo em que participava desse grupo, também dialogava com os concretistas e com os demais grupos do país.

Cerrados – E no caso da *Poesia Sempre*, como foi isso?

ARS – Diria que a revista conseguiu agrupar poetas que nem se conheciam no Rio, embora vivessem na mesma cidade. E começamos um intercâmbio maior com poetas de todo o país, que mandavam seus poemas para publicação e livros para resenha. A seleção era democrática. O comitê de redação lia e discutia os poemas lidos. Cada um defendia o seu ponto de vista. Essa democracia era fundamental. Deste modo, Ivan Junqueira, Antônio Secchin, Marco Lucchesi, Suzana Vargas, Domicio Proença, Ferreira Gullar, Moacyr Felix, Ivo Barroso, Tomas Albornoz, Jorge Wanderley e outros passaram a se encontrar regularmente na redação da revista. Começaram a se conhecer melhor, a estabelecer amizades, a se lerem. Os escritores vivem muito isolados, necessitam de contato para fermentar seja suas idéias, leituras, seja suas invejas, concorrências, disputas, enfim, emulações da vida profissional.

Então, a partir do segundo número resolvemos dar um salto. Apareceu-me Emanuel Brasil depois de uma temporada nos Estados Unidos, amigo de Elizabeth Bishop, com larga experiência editorial, que trouxe o Victor Burton, velho amigo, que já havia feito a capa de meu *Que país é este?*, e eu já havia feito apresentação de exposições dele. Se o primeiro número foi dedicado à América Latina, o segundo o foi a Portugal e países de expressão portuguesa na África. Íamos, assim, alargando o diálogo com outras poesias. Tinha uma visão política e cultural, queria integrar, dar a conhecer a poesia da América

Latina, a que se faz hoje e a poesia que se faz em Portugal e nos demais países de expressão portuguesa. Isto acompanhava ações no plano das bibliotecas e outros intercâmbios.

Cerrados – É isso que chama de exportação da poesia e intercâmbio internacional?

ARS – Digamos, mas era mais que isto, e aqui não posso repetir tudo o que está nos relatórios que ficaram na BN. Repito, era um projeto sistêmico. Cada número dedicado à poesia atual de um país. Assim, foram feitos números sobre os Estados Unidos, França, Espanha, Alemanha, etc.

Cerrados – E quem financiava isto, já que a revista, belíssima, com até 400 páginas e a cores, devia ser cara?

ARS – Inventei um processo de cooperação. O país convidado dava uma parte, digamos uns cinco mil dólares, o Itamaraty dava uma outra parte e a FBN entrava com sua marca, com a mão de obra. Não pagávamos as colaborações porque não havia como. Se bem que teve um poeta que brigou comigo porque cismou que tinha que receber para ser do Conselho.

Cerrados – E como faziam com a distribuição, que geralmente é o ponto de estrangulamento das publicações literárias?

ARS – Entramos em contato com uma distribuidora. Em algumas livrarias importantes de algumas capitais conseguimos pôr a revista, mas a principal tática era outra. E aqui entra, de novo, o que chamo de uma política cultural, uma ação integrada. Conforme se lê na abertura do segundo número de “*Poesia sempre*” – o nº 1 esgotou-se rapidamente. Foi lançado no Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia, Juiz de Fora, Viçosa e Fortaleza, das mais diversas formas, abrindo espaço para que os poetas locais

mostrassem seus poemas através de leituras e performances. Aprofundou-se, assim, o diálogo entre poetas-editores e os poetas do país. E, no parágrafo seguinte, se dizia: “ Poesia Sempre foi lançada também em Buenos Aires, Quito, Bogotá e Caracas, repetindo o mesmo êxito”.

Cerrados – Mas como é que vocês operacionalizavam isto? Devia sair caro...

ARS – Não. Era questão de aproveitar, como no futebol, a bola rolando no campo. O melhor jogador é o que aproveita a oportunidade. A bola está ali, à disposição de todos; no entanto, alguns pegam mais na bola que outros. Por quê? Naquela época, por razões de minha função na FB, eu tinha que viajar muito, pois cheguei a ser também o Secretário Geral do Conselho do Cerlalc, na Colômbia e da Abínia – entidade que reunia as 22 bibliotecas nacionais ibero-americanas. A isto se somava outra coisa: muitos convites pessoais para fazer conferências. Eu aproveitava todas essas oportunidades para lançar a revista. E aí a estratégia era simples: eu levava os exemplares, pedia a alguém, fosse em Juiz de Fora, fosse em Copenhague, que escolhesse alguns poetas representativos e os convidassem a ler seus poemas no lançamento. Assim, se aproximavam os publicados e os não publicados e os nossos iam conhecendo os outros. Fizemos belos lançamentos em Caracas (Venezuela), no México, na Universidade de Stanford, em Frankfurt (Alemanha), tanto quanto em Salvador e no interior da Paraíba.

No plano externo, com a ajuda do Itamaraty, consegui levar nossos poetas para leitura e lançamentos em Portugal, Argentina e Alemanha: Ivan Junqueira, Ivo Barroso, Ferreira Gullar, Suzana Vargas, etc. Emanuel Brasil, infelizmente falecido, mas com uma boa intuição editorial e com conhecimentos, por exemplo, no

mundo literário norte-americano, conseguiu que Mark Strand, o poeta mais conceituado dos Estados Unidos hoje e que, aliás, aprendeu português para ler e traduzir Drummond, conseguiu que ele gravasse um vídeo-conversa com os poetas da revista, que foi exibida em sessão no Consulado Americano no Rio. A idéia original era usar os satélites para fazer um diálogo ao vivo entre nós e ele. Mas a tecnologia do satélite falhou. A mesma idéia era fazer esses diálogos ao vivo, via satélite, entre nossos poetas e, por exemplo, Octavio Paz. Talvez isto hoje fosse mais fácil, naquele tempo era ainda muito experimental. O projeto era um diálogo planetário sobre poesia, tirar a poesia de seu provincianismo e localismo.

Mas outro exemplo do diálogo foi quando trouxemos diversos poetas franceses durante a exposição “120 poètes français d’aujourd’hui”, na Biblioteca Nacional, e depois fizemos uma mesa redonda no auditório de O Globo, colocando do lado brasileiro alguns poetas do Rio: Alexei Bueno, Ledo Ivo, Ivan Junqueira e eu. Curiosamente, a apresentação desses poetas na Biblioteca Nacional foi no dia em que fui demitido pelo inócuo Francisco Weffort. Foi uma cena curiosa que apareceu nos jornais, pois, após a cerimônia de abertura da exposição, houve um abraço de dezenas de escritores e funcionários na / à Biblioteca Nacional, quando todos se deram as mãos circundando o prédio da BN num protesto e num adeus.

Cerrados – Você falou de inovações que a revista trouxe, explique melhor.

ARS – Gostaria que alguém pegasse essas revistas, sobretudo as que vão até minha saída em 1996, posto que, depois, mudaram de orientação editorial. Verão ali, por exemplo, uma seção sobre

tradução. Em geral, a tradução é considerada coisa menor, os suplementos literários não têm sequer um espaço para crítica de traduções, como cansei de sugerir. Começamos a publicar diversas traduções de um mesmo poema. Por exemplo, pegávamos um poema de Hoelderlin, “Halfte des Lebens”, e publicávamos as traduções dos mesmos, feitas por Manuel Bandeira, Marco Lucchesi, José Paulo Paes, Paulo Quintela, Antônio Medina Rodrigues e Márcia Cavalcanti. Ou pegávamos, noutros números, poemas de Mallarmé, Iessiênin, Leopardi, Lorca e outros e publicávamos as várias traduções numa aula prática de criação textual.

Outra seção era de “depoimentos”, na qual um poeta explicava como fez um determinado poema. Assim, Manuel de Barros, Ferreira Gullar, Mario Chamie e eu mesmo, além de outros, demos as motivações de alguns de nossos textos, o que pode ser interessante para futuros analistas literários. Felizmente, a seção de resenhas com a relação dos livros de poesia publicados foi mantida. Assim, se poderá ter uma melhor idéia da produção poética do país.

Mas há coisas que gostaria de destacar, como o esforço para publicar nossos poetas clássicos, antigos e modernos, em outras línguas, tanto em dinamarquês, quanto em alemão, espanhol, italiano, etc. Era a oportunidade para que alguém no exterior tivesse um aperitivo, pelo menos, de nossa poesia. E posso lhe dizer que, quando lançávamos a poesia fosse em Santiago do Chile, São Francisco ou Roma, sempre se encontrava alguém que dizia que agora, sim, podia ter alguma idéia da poesia brasileira. E espantavam-se que o Brasil, esse país de meninos de rua, da floresta amazônica queimada, da

violência e do tráfico, tivesse a revista de poesia mais sofisticada e cosmopolita da atualidade.

Cerrados – E como anda a revista, hoje?

ARS – Quando saí, em 1996, deixei programados o número sobre Israel e outro sobre a Bélgica. O de Israel acabou saindo. Mas, a partir daí, o contato com a Biblioteca Nacional ficou truncado. Coisas estranhas aconteceram num governo com intelectuais no poder e que se dizia democrático. Não só o último relatório de minha gestão, o quanto sei, não foi publicado, e até me informaram que havia sido mandado para passar pela censura do Weffort, em Brasília (como se fazia ao tempo dos militares) como pararam de me mandar publicações da BN. Sequer a *Poesia Sempre* me mandavam. Passei a ser “persona non grata”. Só agora, no governo Lula, começam algumas sinalizações mais cordiais. Enfim, mesquinhas da vida política e literária, que perdem o seu sentido diante da poesia, que é aquilo que permanece para sempre.

Cerrados agradece ao poeta ! E, para finalizar, apresenta uma “colheita” de seu livro *Textamentos* (Rocco,1999).

FLOR E CULTURA

Meu conceito de jardim

determina

o que é praga

ao redor de mim